



Fourth-Generation Knowledge Districts 2024

20-21 May 2024, Campinas, SP

A Vida na Cidade: Uma Aplicação na Vila do Cumbuco

CRISTINA ROMCY¹; LARA FURTADO²; CAMILA CAVALCANTE³; MANUELA CARVALHO⁴; RENATA CRUZ⁵; LUDMILA MOTA⁶; LAURA RIOS⁷; LIANA FEINGOLD⁸

^{1,2,3,4,5,6} Universidade de Fortaleza - UNIFOR

^{7,8} Estar Urbano - EU

¹cristinaromcy@unifor.br, 0000-0002-9543-9969

²larasfur@gmail.com, 0000-0002-9123-2805

³camilabandeira@unifor.br, 0000-0002-2935-0050

⁴manuelamfc@outlook.com, 0009-0007-7979-2280

⁵renata.arquitetura@gmail.com, 0000-0001-9850-6373

⁶ludmilabritoarq@gmail.com, 0009-0009-0333-1415

⁷laura.estarurbano@gmail.com, 0009-0003-8056-2504

⁸liana.estarurbano@gmail.com, 0009-0003-1911-1384

Resumo. A vida em centros urbanos localizados em zonas costeiras apresenta características socioespaciais singulares e vem passando por constantes transformações políticas, sociais e ecológicas. Assim, demandam gestões mais integradas, de modo a propor ações direcionadas à preservação de seus ecossistemas e garantir o desenvolvimento sustentável. Portanto, esta pesquisa pretende compreender a dinâmica urbana da Vila do Cumbuco, localizada na Orla Marítima de Caucaia-CE, a partir do desenvolvimento de uma metodologia de avaliação, baseada nos estudos de Jan Gehl e Brigitte Svarre, e na escuta ativa, método proposto pelo Ateliê Estar Urbano. Trata-se de uma pesquisa de natureza aplicada que resultou na realização de um workshop durante o festival Winds For Future. Os resultados demonstram o potencial desse modelo de diagnóstico propositivo na criação de um diálogo aberto, que fomenta a colaboração intersetorial no processo participativo e propõe soluções inovadoras para a criação de cidades mais saudáveis, inclusivas e sustentáveis.

Palavras-chave: Planejamento Urbano; Workshop; Zona Costeira; Processo Participativo; Diagnóstico Propositivo.

1 Introdução

A urbanização contemporânea é caracterizada por uma intensa busca por cidades que sejam mais inclusivas e centradas no bem-estar humano, enfatizando a qualidade de vida dos cidadãos. No centro desse movimento de busca pelo conhecimento, encontram-se os estudos de design urbano de Jan Gehl e Brigitte Svarre, que defendem uma abordagem "de baixo para cima", centrada no ser humano, contrapondo-se ao

modelo de planejamento "de cima para baixo", tradicionalmente centrado no veículo. Este estudo explora a implementação prática das diretrizes de Gehl e Svarre, conforme detalhado no livro "A vida na cidade: como estudar" (Gehl; Svarre, 2018), particularmente no contexto de pequenas cidades costeiras, que apresentam desafios e peculiaridades significativas em termos de planejamento urbano.

Estas pequenas cidades litorâneas, frequentemente percebidas como refúgios idílicos, enfrentam desafios decorrentes de suas características particulares e de atratividade. Problemas como a especulação imobiliária, a sazonalidade econômica e as questões ambientais emergentes são alguns dos desafios vivenciados por essas comunidades. Além disso, a necessidade de preservar tanto a identidade local quanto o ecossistema natural impõe uma complexa matriz de considerações para os planejadores urbanos (Moraes, 2007).

De acordo com Souza (2010), a função do planejador urbano envolve contemplar diversas possibilidades de ação, emergindo do diálogo entre a ciência, os objetos de estudo e os sujeitos envolvidos. Isso permite uma análise abrangente dos problemas e estratégias de planejamento e contribui para um debate crítico que considera as complexidades das relações socioespaciais, sejam elas espontâneas ou planejadas.

As cidades desempenham um papel fundamental como incubadoras de soluções inovadoras, essenciais para abordar os desafios contemporâneos. Uma abordagem que engloba perspectivas sistêmicas, interdisciplinares e intersetoriais é necessária para a gestão do ecossistema urbano. (Stuchi, Noronha, Serafim, 2023).

Nesse sentido, a economia do conhecimento, no contexto urbano, tem sido historicamente representada pela implementação de parques científicos e tecnológicos (CEUCI, 2022). Tais parques foram caracterizados e descritos por Annerstedt (2006) em três gerações: a 1^a geração trata-se de uma parceria entre universidade e empresas, em que as inovações propostas pela pesquisa acadêmica são impulsionadas pela indústria de forma empreendedora. A 2^a geração considerada de hélice tripla apresenta uma iniciativa das organizações empresariais, com o apoio do governo e em associação com as universidades. Já a 3^a geração, de hélice quádrupla, é baseada no feedback interativo, com o intuito de melhorar a qualidade de vida da população, estabelecendo uma comunicação direta com a sociedade e incentivando a participação ativa no processo de inovação.

Por fim, a 4^a geração proposta por Carayannis, Barth & Campbell (2012) apresenta-se como um modelo de inovação de hélice quíntupla, pois inclui o meio ambiente como elemento fundamental a ser considerado na tomada de decisão. Essa nova geração trata-se do Desenvolvimento Urbano Baseado no Conhecimento (Knowledge Based Urban Development - KBUD), uma metodologia que busca aproveitar a capacidade inovadora das cidades, focando na concepção e implementação de iniciativas que direcionam as transformações para a resiliência urbana. Essas iniciativas buscam promover a sustentabilidade, a eficiência no uso dos recursos, a redução da pegada

ambiental e a inclusão social, configurando um modelo de desenvolvimento urbano sustentável e inclusivo (Stuchi, Noronha, Serafim, 2023).

Tais questões destacam a relevância de uma avaliação detalhada dos espaços urbanos, de modo que as metodologias e ações, propostas durante o processo de planejamento, sejam adaptadas às necessidades locais, ao considerar o contexto econômico, social e ambiental. Nesse sentido, Gehl e Svarre (2018) enfatizam a experiência e a observação contínua das dinâmicas urbanas como uma importante ferramenta avaliativa e de diagnóstico.

Dado o exposto, o presente artigo possui como propósito apresentar a concepção e os resultados alcançados durante o Workshop denominado "A Vida na Cidade: Uma Aplicação na Vila do Cumbuco", conduzido pelos autores em uma localidade na zona costeira do Brasil. O Workshop ocorreu nos dias 22 e 23 de setembro de 2023, como parte do maior festival de inovação e sustentabilidade da América Latina, o Winds For Future, realizado na Vila do Cumbuco. Esta iniciativa resultou de uma colaboração entre três entidades: o projeto Kite for the Ocean (K4TO), o Programa de Mestrado em Ciências da Cidade da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e a equipe do Ateliê Estar Urbano (EU).

Os objetivos específicos deste estudo incluem:

- Mapear e avaliar os componentes do espaço urbano da Vila do Cumbuco a partir de um levantamento que possa embasar futuras investigações;
- Identificar e analisar os elementos urbanos na Vila do Cumbuco que requerem melhorias, propondo soluções estratégicas e eficazes para promover uma urbanização mais inclusiva e responsável às necessidades reais dos habitantes;
- Avaliar os impactos socioambientais gerados pelo evento "Winds For Future" na região, promovendo discussões críticas que possam auxiliar na otimização e na inclusão de futuros eventos, garantindo que contribuam positivamente para o desenvolvimento local;
- Desenvolver e validar uma metodologia de avaliação de espaços urbanos, fundamentada nos estudos e princípios de Jan Gehl e Brigitte Svarre, bem como no método desenvolvido pelo Ateliê Estar Urbano. Esta metodologia visa facilitar análises orientadas para o avanço de práticas de planejamento urbano que sejam sustentáveis, inclusivas e centradas nas pessoas.

Tais objetivos visam fornecer contribuições e recomendações práticas para o desenvolvimento consciente e equitativo do espaço urbano da Vila do Cumbuco. Este estudo enfoca o respeito e a valorização da identidade local, integrando-a aos princípios de um urbanismo participativo. A intenção é elaborar diretrizes que possam guiar intervenções urbanas, garantindo que estas promovam uma melhor qualidade de vida

para os habitantes e estejam alinhadas com os padrões de sustentabilidade e inclusão social.

2 Referencial Teórico

2.1 Zona Costeira Brasileira: Desafios e Necessidade de Gestão Integrada

A gestão integrada da zona costeira tem sido uma preocupação internacional desde 1972, quando os Estados Unidos promulgaram o "Coast Zone Management Act". No Brasil, a política de gestão costeira iniciou-se em 1974 com a criação da Comissão Interministerial para os Recursos do Mar (CIRM), responsável por coordenar a Política Nacional para os Recursos do Mar (PNRM), regulamentada por lei em 1980. Subsequentemente, a Constituição Federal de 1988 definiu a zona costeira como patrimônio nacional, estipulando que sua utilização deve ocorrer de forma que assegure a preservação do meio ambiente, inclusive em relação ao uso dos recursos naturais (parágrafo 40 do artigo 225). Além disso, a Lei Federal nº 7.661 de 1988 caracterizou a zona costeira como o espaço geográfico de interação entre ar, mar e terra, abrangendo recursos renováveis e não renováveis, e instituiu o Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro (PNGC), revisado em 1997 como PNGC II (Romcy, 2005).

Durante a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, ECO 92, realizada no Rio de Janeiro, a zona costeira se destacou nas discussões internacionais (Martins; Vasconcelos, 2011). A UNESCO reconheceu essa região como essencial para o estudo sistêmico e promoveu parcerias com comunidades litorâneas para alcançar o desenvolvimento sustentável, formalizando a Gestão Integrada da Zona Costeira (GIZC). A Agenda 21, também resultante da ECO 92, enfatizou em seu capítulo 17 a proteção dos oceanos e zonas costeiras, com foco no gerenciamento integrado e no desenvolvimento sustentável dessas áreas. O item 17.5 da Agenda 21 estabeleceu o compromisso dos estados costeiros em implementar um gerenciamento integrado e sustentável das zonas costeiras e do meio ambiente marinho através de um processo integrado e participativo de definição de políticas e tomada de decisões. Também destacou a importância do acesso da sociedade às informações pertinentes e a criação de oportunidades para consulta e participação no planejamento e na tomada de decisões nos níveis apropriados (Romcy, 2005).

A zona costeira brasileira, com 7.367 quilômetros de litoral banhado principalmente pelo oceano Atlântico, estende-se até 8,5 mil quilômetros se considerados os recortes litorâneos. Abrangendo uma diversidade de ecossistemas em uma área de aproximadamente 388.000 quilômetros quadrados, entre manguezais, restingas, campos de dunas, estuários, recifes de corais e outros ambientes ecológicos. Portanto, é uma região de grande influência no cenário geográfico e econômico do país, além de abrigar mais da metade da população brasileira (Moraes, 2007).

No entanto, esta região enfrenta desafios significativos que demandam uma gestão integrada eficaz para preservar seus ecossistemas e garantir um desenvolvimento sustentável. Problemas como expansão urbana desordenada, especulação imobiliária, privatização de praias, poluição por esgoto e lixo, ocupação desmedida de áreas como dunas e falésias, além de atividades intensas como turismo, industrialização e pesca, são pressões consideráveis sobre os ecossistemas costeiros (Campos et al., 2003).

Nesse contexto, Celani e Noronha (2024) destacam o potencial da economia do conhecimento para substituir a industrialização como principal motor econômico de uma nação. Por se tratar de um modelo econômico que geralmente exerce um impacto ambiental reduzido e um efeito social positivo. Diferente dos modelos produtivos que se baseiam na exploração de recursos naturais e no uso intensivo de terra, a economia do conhecimento utiliza como recursos primordiais a infraestrutura de pesquisa e os recursos humanos altamente qualificados. Esses recursos são frequentemente o resultado de políticas públicas robustas em educação e formação científica de alto nível.

Portanto, a implementação de uma gestão integrada da zona costeira é fundamental para garantir o desenvolvimento sustentável e preservar esses ecossistemas. Isso requer um esforço contínuo de múltiplos atores e setores para harmonizar os interesses e usos na zona costeira do Brasil, utilizando planos, programas e projetos que suportem métodos sustentáveis de uso e ocupação do solo, contribuindo assim para a qualidade do ambiente (Polette; Silva, 2003).

2.2 Escuta Ativa: Uma Metodologia de Apoio à Participação Comunitária

A complexidade intrínseca à utilização da zona costeira, caracterizada por uma alta concentração urbana e significativos fluxos de capital e energia resultantes de processos naturais, requer uma metodologia de planejamento fundamentada no conhecimento técnico, no envolvimento do poder público e na participação comunitária (Romcy, 2005). Nesse contexto, o conceito de escuta ativa é empregado para fomentar a prática de ouvir com atenção os anseios e as necessidades da população, focando em intervenções de curto prazo e baixo custo. Essa abordagem visa incentivar mudanças comportamentais que facilitam a co-criação de um espaço de diálogo aberto através de um processo participativo. Ademais, a linguagem assume um papel essencial neste processo, atuando como um meio poderoso de conexão com a comunidade, desde que aplicada com sensibilidade e respeito às particularidades da cultura local (Certeau, 1986).

Dessa forma, os valores que permeiam a percepção dos indivíduos sobre intervenções urbanas desempenham um papel fundamental na elucidação de suas expectativas futuras e demandas específicas. A pesquisa em análise adota uma metodologia orientada pela escuta ativa, estruturada em quatro fases: Sentir, Projetar, Realizar e Conectar. Esta abordagem metodológica é inspirada nas práticas do Instituto Elos e já foi aplicada e validada anteriormente em um estudo conduzido na comunidade Serviluz em Fortaleza, conforme documentado por Rios et al. (2020).

A proposta de escuta ativa visa identificar propósitos mais abstratos associados à interação das pessoas com o espaço, entre si e consigo mesmas. Tais propósitos estão associados às transformações espaciais não planejadas que ocorrem à margem de intenções pré-estabelecidas ou racionalmente estruturadas (Certeau, 1986).

Além disso, é imprescindível a implementação de metodologias específicas que permitam a visualização de um espaço urbano construído que seja verdadeiramente centrado no ser humano. Neste sentido, o presente estudo se baseia no livro "A vida na cidade: como estudar", no qual Jan Gehl e Birgitte Svarre examinam a dinâmica urbana, oferecendo metodologias para o diagnóstico e a incorporação da vida cotidiana no planejamento urbano. Os autores enfatizam como a configuração dos espaços influencia o comportamento humano e como uma observação sistemática dos espaços públicos pode revelar informações significativas (Gehl; Svarre, 2018).

O livro em questão detalha uma série de metodologias e técnicas projetadas para facilitar a análise de campo. Essas incluem a contagem, o uso de diários de observação, a realização de entrevistas, o mapeamento, a fotografia, a execução de caminhadas exploratórias, entre outras. A abordagem teórica adotada defende a concepção de cidades orientadas para as pessoas e é sustentada pelos seguintes princípios urbanísticos:

- As Pessoas como foco: defesa de uma abordagem centrada nas pessoas. Priorizando as necessidades, comportamentos e experiências destas no ambiente urbano, com o intuito de criar espaços que promovam a interação social e a qualidade de vida.
- Escalas e dimensões adequadas: importância de considerar as escalas humanas ao projetar espaços urbanos. Isso envolve criar ruas, praças e edifícios que se adequem às dimensões e proporções do corpo humano, proporcionando uma sensação de conforto e acessibilidade.
- Promoção da mobilidade sustentável: incentivo ao design urbano que favorece formas de transporte sustentáveis, como caminhar, andar de bicicleta e o uso eficiente do transporte público. Consequentemente reduzindo a dependência de veículos motorizados e melhorando a qualidade do ar e a saúde pública.
- Vitalidade nos espaços públicos: importância de criar espaços públicos dinâmicos e vibrantes, encorajando atividades ao ar livre e promovendo a interação entre as pessoas. Espaços públicos bem projetados podem servir como locais de encontro, estimulando a vitalidade urbana.
- Participação social e comunitária: envolver a comunidade no planejamento e processo de decisão no design urbano. A participação ativa dos residentes locais pode resultar em soluções mais assertivas e adaptadas às necessidades específicas da comunidade, assim, promovendo maior senso de pertencimento.

- Observação e pesquisa: relevância da observação direta e da pesquisa para compreender as dinâmicas locais e as necessidades da comunidade. A coleta de dados sobre o comportamento humano e o uso do espaço público é essencial para orientar um design urbano mais eficaz.

Diante do exposto, estão emergindo novos paradigmas no planejamento urbano, orientados para a humanização dos espaços públicos. É imperativo o desenvolvimento de cidades mais humanas e sustentáveis, realçando o papel do design urbano e seu impacto substancial na qualidade de vida dos habitantes. Portanto, torna-se relevante uma análise crítica da estrutura e funcionamento desses espaços, considerando a dinâmica e a identidade intrínsecas às cidades. Em suma, as estratégias urbanísticas adotadas devem permitir a observação detalhada e a revelação das dinâmicas urbanas, enquanto enfatizam a importância de entender as motivações das pessoas nas cidades como essencial para pensar, planejar e projetar espaços urbanos mais eficazes (Gehl, 2013).

3 Metodologia

A metodologia implementada pelo Ateliê Estar Urbano desempenhou um papel crucial na orientação e no aprimoramento de todas as etapas técnicas e emocionais envolvidas no desenvolvimento colaborativo na comunidade. O processo é dividido em quatro etapas essenciais: Sentir, Projetar, Realizar e Conectar (Rios *et al.*, 2020).

Na etapa inicial, denominada "Sentir", o objetivo é a identificação das demandas presentes na comunidade, visando abordar as necessidades de resolução, criação ou transformação dessas demandas em iniciativas palpáveis. Nesse momento, adota-se um processo de escuta ativa e sensível, complementado pela observação do espaço físico e pela coleta de dados essenciais para o embasamento do projeto e para análises futuras pós-implementação das intervenções. Durante esta etapa, um grupo diversificado de participantes, incluindo indivíduos de diferentes faixas etárias e profissões, compartilha percepções e experiências. Atividades lúdicas e de visualização orientada são conduzidas pelas facilitadoras e arquitetas, fomentando a conexão entre o grupo e seus objetivos.

Na etapa subsequente, denominada "Projetar", ocorre a fusão do emocional e do racional na interpretação do programa que se desdobra a partir da "árvore dos sonhos". A colaboração de todos culmina na elaboração de uma maquete coletiva que orienta os esboços iniciais do projeto. Neste momento, a expertise técnica em arquitetura é explorada para definir diretrizes viáveis que assegurem o sucesso do projeto, levando em conta as necessidades identificadas na etapa anterior. As ideias conceituais desenvolvidas são validadas junto à comunidade e ajustadas conforme as restrições orçamentárias existentes, permitindo a continuidade do desenvolvimento técnico. A maquete serve como uma ferramenta fundamental para facilitar o diálogo e a compreensão espacial entre os participantes e a comunidade, transcendendo as

barreiras da linguagem técnica através de uma comunicação lúdica e acessível, empregando recursos visuais como mapas, post-its e canetas coloridas.

A etapa de "Realizar" representa o momento em que os sonhos e ideias delineados na maquete colaborativa são transformados em realidade. Esta etapa estimula a criatividade e exige observação contínua, à medida que as ideias são implementadas de forma prática no espaço físico.

Por fim, a etapa "Conectar" é iniciada após a conclusão das intervenções. Neste momento, a ênfase está em fortalecer as conexões entre o espaço revitalizado e os membros da comunidade, celebrando as conquistas coletivas. É fundamental que o planejamento envolva a comunidade na implementação de ações que não estavam inicialmente previstas no projeto, além de desenvolver um calendário de atividades que possam ser continuadas ou iniciadas no novo espaço, assegurando assim a sua integração sustentável e contínua com a vida comunitária.

Além das etapas mencionadas, a metodologia de Gehl e Svarre foi adaptada para gerar reflexões entre os participantes sobre a ocupação e utilização dos espaços na Vila do Cumbuco. Essa adaptação visa também coletar dados primários que subsidiem propostas para intervenções urbanísticas mais eficazes. Estas soluções consideram aspectos sociais, ambientais e culturais essenciais para promover a qualidade de vida na cidade. A descrição detalhada do processo de coleta de informações sobre a dinâmica da Vila será apresentada a seguir.

3.1 Estrutura dos Workshops

O Workshop reuniu diversos atores sociais, incluindo membros da comunidade local, líderes comunitários, empresários, visitantes, especialistas em planejamento urbano e outros interessados em colaborar, compartilhar conhecimentos e identificar soluções criativas e aplicáveis para a Vila do Cumbuco.

O evento foi pautado pela promoção do diálogo aberto e inclusivo entre a comunidade local, autoridades municipais, instituições acadêmicas, setor privado e especialistas em planejamento, com o objetivo de estabelecer um processo participativo fundamental na construção de um futuro mais inclusivo, sustentável e próspero para a Vila.

Os dados foram coletados por meio de uma série de três workshops, cada um com uma duração de quatro horas. Realizados em três seções distintas: na manhã e tarde de sexta-feira (22), e na manhã de sábado (23). Em cada sessão participaram, em média, 5 pessoas, o que gerou um ambiente propício para discussões detalhadas e interações significativas. A faixa etária dos participantes foi de 13 a 60 anos de idade.

3.2 Método de Registro

Durante a realização dos workshops, foram implementadas as seguintes estratégias para o registro e a documentação das discussões e observações:

Anotações em mapas impressos: Os participantes fizeram uso de mapas impressos da região para registrar anotações, enfatizando áreas de interesse e locais que requerem intervenções urbanísticas.

Registro fotográfico com smartphones: Os elementos significativos do espaço urbano foram documentados por meio de fotografias tiradas com smartphones, compilando um arquivo visual que auxilia a análise subsequente.

Facilitador tomando notas: Um facilitador esteve presente durante as sessões para registrar notas detalhadas das discussões, assegurando que todas as perspectivas e contribuições fossem adequadamente registradas para futuras análises.

3.3 Processo

Cada workshop foi estruturado em quatro momentos: (i) Apresentação e Contextualização, (ii) Análise Coletiva dos Espaços, (iii) Discussão e Compartilhamento e (iv) Mapeamento Colaborativo, detalhados a seguir:

(i) Apresentação e Contextualização (1 hora): Esta fase incluiu uma explanação sobre os conceitos de Urbanidade, a essência humana no urbanismo e como as características e necessidades humanas impactam o planejamento, o design e a dinâmica das áreas urbanas. Posteriormente, foi apresentado o contexto do estudo, os princípios de "urbanismo para todos" de Jan Gehl e Brigitte Svarre, e discutida a relevância de refletir sobre o espaço urbano da Vila do Cumbuco. (Figura 1)

(ii) Análise Coletiva dos Espaços (2 horas): Os participantes foram divididos em grupos pequenos para percorrer e analisar diferentes áreas da Vila, utilizando os mapas impressos para anotar pontos observados, identificando áreas de melhoria e oportunidades de intervenção. (Figura 2)

(iii) Discussão e Compartilhamento (0,5 hora): Após a análise em campo, os grupos se reuniram para compartilhar e discutir suas observações e experiência, sob a orientação do facilitador. Este momento foi dedicado à construção de uma visão coletiva e integrada das possíveis intervenções na Vila do Cumbuco. (Figura 3)

(iv) Mapeamento Colaborativo (0,5 hora): Em paralelo à etapa de discussão e compartilhamento foi elaborada uma maquete de diagnóstico colaborativa, onde foram mapeadas e exemplificadas algumas relações urbanas e sociais. A partir desse diagnóstico inicial, foram propostas ideias e soluções para o espaço analisado. (Figura 4)



Figuras 1, 2, 3 e 4. Momentos do processo de workshop. Fonte: Autores, 2023.

Como mencionado anteriormente, todo o processo metodológico utilizado nos Workshops foram embasados pela metodologia proposta no livro “A vida na cidade: como estudar” de Jan Gehl e Brigitte Svarre, associada à metodologia implementada pelo Ateliê Estar Urbano com as etapas do: Sentir, Projetar, Realizar e Conectar. Ambos os métodos estão relacionados à quarta geração de territórios do conhecimento, com a utilização estratégica da tecnologia e do conhecimento sistêmico para fomentar o crescimento econômico, a sustentabilidade, a governança, a inclusão social e a colaboração intersetorial.

4 Resultados

Após a coleta de dados realizada durante os workshops, planejou-se conduzir uma análise tanto qualitativa quanto quantitativa das informações coletadas. Esse processo de análise tem como objetivo identificar padrões, tendências recorrentes e pontos de convergência nas opiniões dos participantes, estabelecendo assim uma referência para o desenvolvimento de propostas de intervenções urbanísticas fundamentadas nos princípios de Jan Gehl e Brigitte Svarre.

Durante a fase de Análise Coletiva dos Espaços, algumas ruas da Vila foram exploradas com o propósito de observar, dialogar, mapear e registrar fotográficamente elementos significativos dos trajetos. A coleta e o registro desses dados foram facilitados pelo uso de pranchetas equipadas com imagens de satélite impressas, fotografias, interações dialógicas e observações diretas. Ao longo dessas caminhadas, os participantes do workshop compartilharam curiosidades sobre a Vila, discutiram a dinâmica dos moradores, relataram anedotas históricas e refletiram sobre as transformações espaciais ocasionadas por obras, investimentos, mudanças climáticas e impactos de eventos locais como o Festival do Winds For Future. (Figuras 5, 6 e 7)

O festival Winds For Future, conhecido como W4F, é um dos maiores festivais de inovação e sustentabilidade da América Latina, que ocorre anualmente na Vila do Cumbuco, em Caucaia, no estado do Ceará, Brasil. É um evento que reúne diversos

agentes sociais, como: poder público, painelistas, startups, investidores, acadêmicos e profissionais de diversas áreas, sociedade civil e entusiastas de esportes à vela. Com o intuito de promover a cultura oceânica, gerar mudanças, debates, networking e oportunidades para o desenvolvimento de ações sustentáveis em todo o globo. Portanto, busca por soluções inovadoras para os desafios sociais e ambientais. (Café, 2022)

As atividades do festival são diversas e incluem palestras, workshops, demonstrações de startups, competições de kitesurf e outras ações voltadas para a promoção de uma consciência ambiental e o desenvolvimento sustentável. Além disso, visa ampliar a conscientização sobre a importância da conservação ambiental e o uso responsável dos recursos naturais, alinhando esportes, entretenimento e educação em um ambiente inspirador e dinâmico. (Café, 2022)

Nesse sentido, Yigitcanlar (2015) destaca um caminho para alcançar um desenvolvimento integrado e holístico em contextos urbanos. Em que, a partir da era da economia do conhecimento objetiva-se promover a prosperidade econômica, a sustentabilidade ambiental, a justiça socioespacial e a eficácia da governança urbana. Assim, consiste na criação de cidades intencionalmente projetadas para fomentar a geração e disseminação do conhecimento de maneira ambientalmente sustentável. Ou seja, são cidades caracterizadas pela segurança econômica e humana, justiça social e governança competente.



Figuras 5, 6, e 7. Momentos de elaboração da coleta, entrevista com moradores e evento W4F.
Fonte: Autores, 2023.

Com base nos resultados e dados coletados durante a realização do Workshop, observações significativas emergiram das entrevistas e momentos de escuta ativa. Entre esses relatos, destaca-se o depoimento de Délia, uma moradora de 78 anos que expressou um profundo apego ao local e um forte senso de comunidade na Vila do Cumbuco. Ela descreveu como, desde os tempos em que a vila era apenas "areia", sua residência tornou-se um ponto de encontro conhecido por "sempre ter um cafézinho quente para quem quiser". A maior parte de sua extensa família ainda reside na mesma

rua, sustentando uma rede de vizinhança amistosa e suporte mútuo. Uma característica notável da rua onde Délia reside é a presença de canteiros de vegetação cuidadosamente mantidos pelos moradores, que não apenas embelezam o espaço, mas também criam um microclima mais acolhedor em uma área que seria, de outra forma, bastante árida.

Por outro lado, comerciantes mais antigos da vila enfrentam desafios decorrentes das recentes mudanças e construções destinadas a modernizar o centro da vila. Por exemplo, Dona Vicentina teve que desmontar sua barraca de praia, resultando na demissão de alguns de seus funcionários. Dona Mazé notou uma diminuição no movimento de sua loja após uma reforma que transformou a rua principal em uma via exclusivamente pedonal, afirmando que tinha mais clientes quando havia estacionamento disponível próximo à sua loja. Ela também sugeriu a construção de banheiros públicos para atender às necessidades dos comerciantes e visitantes.

Ademais, o Sr. Ari, Presidente da Colônia de Pescadores Z-7, destacou as dificuldades enfrentadas pela pesca artesanal e a redução no número de pescadores ativos na região, uma tendência que vem se acentuando nos últimos anos. Ele também mencionou a falta de um sucessor para sua posição, o que o tem levado a assumir responsabilidades adicionais, consolidando seu papel como líder comunitário.

As informações coletadas foram utilizadas na elaboração de maquetes de diagnóstico colaborativo, que incorporaram imagens de satélite e materiais diversos como adesivos, post-its e canetas coloridas para mapear e discutir questões físicas, estruturais e afetivas identificadas. A construção das maquetes foi um processo coletivo que facilitou as discussões sobre a percepção dos participantes, permitindo que todos contribuíssem visualmente para ilustrar suas percepções individuais e coletivas sobre os temas abordados. (Figuras 8, 9 e 10)



Figuras 8, 9 e 10. Maquetes elaboradas em conjunto após workshop. Fonte: Autores, 2023.

Tais percepções e mapeamentos corroboram com a ideia de uma economia do conhecimento, a partir da formação de distritos de inovação. Esmaeilpoorarabi *et al.* (2018) apresentam as características essenciais de um distrito de inovação, características que vão além das necessidades infraestruturais, institucionais e financeiras, mas também as demandas socioespaciais da população e do lugar. Com destaque para a escuta ativa e identificação dos valores intangíveis e simbólicos que são determinantes para a qualidade do local.

Portanto, este estudo aborda uma temática pertinente e contemporânea no âmbito de uma sociedade orientada pelo conhecimento. Por meio da prática da escuta ativa é possível estabelecer diretrizes e projetar iniciativas estratégicas que visam a inovação e a proposição de novas ideias, estimulando um ambiente favorável à realização de diálogos abertos entre o governo, entidades institucionais e a sociedade civil. Esta metodologia colaborativa congrega múltiplos participantes dos âmbitos social e urbano, oferecendo soluções práticas e criativas para enfrentar os desafios presentes no cotidiano das áreas urbanas.

5 Considerações Finais

Este estudo concentrou-se em avaliar o espaço urbano em Vila do Cumbuco através de um workshop, com o objetivo de validar uma metodologia de análise. Tal método objetiva a formulação de propostas de melhorias que possam orientar estratégias futuras para o planejamento urbano sustentável e inclusivo.

A arquitetura e o urbanismo se destacam como instrumentos sociais essenciais capazes de qualificar a interação entre indivíduos e ambiente, contribuindo para o bem-estar pessoal e coletivo. A prática de escuta ativa e sensível desempenhou um papel fundamental no alcance de uma abordagem empática e em uma melhor compreensão das aspirações, valores e desafios dos participantes do Workshop.

Esta iniciativa marca o início de um processo contínuo que ressalta a importância de diagnósticos regulares das percepções comunitárias. Através da escuta ativa, é possível desenvolver diretrizes e projetos estratégicos que facilitam o diálogo entre o governo, instituições e a sociedade civil. Esta abordagem integrativa promove a colaboração entre vários atores urbanos e sociais, oferecendo soluções inovadoras para desafios urbanos, especialmente em regiões costeiras.

A análise sensível e crítica das questões sociais enfatiza o papel do planejador como um cidadão proativo na construção social. Este estudo visa estimular reflexões sobre as complexas interações entre espaços físicos e comportamento humano, reconhecendo sua influência mútua.

Durante o workshop, ficou evidente o engajamento ativo da comunidade de Vila do Cumbuco nos estudos e levantamentos realizados, demonstrando um comprometimento com a melhoria da qualidade de vida. No entanto, é importante notar que o evento

coincidiu com um festival local, o que pode ter influenciado os resultados coletados. Assim, novos estudos são necessários em condições mais representativas da vida cotidiana.

A oficina também destacou a necessidade de monitoramento contínuo das percepções comunitárias para entender suas necessidades e aspirações. Mudanças e modernizações apresentaram desafios para os comerciantes locais, como a redução de espaço e a necessidade de adaptação às novas condições de tráfego. O aumento nos preços das propriedades devido ao turismo internacional exige uma gestão cuidadosa para assegurar o bem-estar dos residentes locais.

A colaboração entre a comunidade, autoridades locais e academia é essencial para enfrentar desafios e aproveitar oportunidades, assegurando um futuro sustentável e vibrante para Vila do Cumbuco. A implementação da metodologia proposta, adaptada às condições locais, é um passo crucial para um processo participativo da população nas transformações urbanas, visando a criação de cidades mais saudáveis, inclusivas e sustentáveis.

6 Referências

- Annerstedt, J. (2006). Science Parks and High-Tech Clustering. In Patrizio Bianchi and Sandrine Labory (eds.) International Handbook on Industrial Policy. Edward Elgar Publishing, p.279–97.
- Café, S. Impacta Nordeste. (2022). Winds For Future reúne ação social e tecnologia para acelerar a sustentabilidade. Disponível em: <https://impactanordeste.com.br/winds-for-future-reune-acao-social-e-tecnologia-para-acelerar-a-sustentabilidade/>. Acesso em: 13 abr. 2024.
- Campos A. A. Monteiro A. Monteiro N. & Polette M. (2003). A zona costeira do ceará diagnóstico para a gestão integrada. AQUASIS, Caucaia-CE, 248 p.
- Carayannis, E. G., Barth, T. D., Campbell, D. F. J. (2012). The Quintuple Helix Innovation Model: Global Warming as a Challenge and Driver for Innovation. Journal of Innovation and Entrepreneurship.
- Celani, G., Noronha, M. (2024). De Manchester ao Vale do Silício – como os distritos do conhecimento substituíram os distritos industriais. Com Ciência.
- Certeau, M. de. (1986). A invenção do Cotidiano. 3. ed. Petrópolis: Vozes Ltda. 351 p.
- CEUCI. (2022). HIDS: uma janela de oportunidade para a implementação dos ODS em um território do conhecimento e inovação. Jornal da Unicamp. Campinas.
- Esmaeilpoorarabi, N., Yigitcanlar, T., Guaralda, M., Kamruzzaman, Md. (2018) Does place quality matter for innovation districts? Determining the essential place

characteristics from Brisbane's knowledge precincts. *Land Use Policy*, [S.L.], v. 79, p. 734-747, Elsevier BV.

Gehl, J. (2013). *Cidades para pessoas* (Vol. 2). São Paulo: Perspectiva. 280 p.certeia

Gehl, J.; Svarre, B. (2018). *A vida na cidade: como estudar*. 1ed - São Paulo: Perspectiva. 184p.

Martins, M. B., & Vasconcelos, F. P. (2011). Desafios para o desenvolvimento sustentável da zona costeira. *Revista Geográfica de América Central*, 1-12.

Moraes, A. C. R. M. (2007). Contribuições para a gestão integrada da zona costeira do Brasil: elementos para uma geografia do litoral brasileiro. HUCITEC/EDUSP São Paulo-SP, 232 p.

Polette, M., Silva, L. P. (2003). GESAMP, ICAM e PNGC - Análise comparativa entre as metodologias de gerenciamento costeiro integrado. *Revista Ciência e Cultura*. São Paulo: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), vol. 55, pp. 27-31.

Rios, L. S., Feingold, L. S., Aragão, A., & Vasconcelos, R. (2020). ACUPUNTURA URBANA NA COMUNIDADE SERVILUZ, EM FORTALEZA-CE Biofilia, Conectividade e Bem-estar [URBAN ACUPUNCTURE IN THE SERVILUZ COMMUNITY, IN FORTALEZA-CE Biophilia, Connectivity and Well-being]. Seminario Internacional de Investigación en Urbanismo.

Romcy, C. M. A. (2005). Gestão integrada: o município de Icapuí e os programas de administração da orla marítima. PRODEMA UFC. Fortaleza-CE, 145 p.

Souza, M. L. de. (2010). Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento à gestão urbano. 6ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 558 p.

Stuchi, S., Noronha, M., Serafim, M. (2023). Espaços Urbanos do Conhecimento: caminhos para a promoção da mobilidade urbana sustentável. ARENA ANTP – 23º Congresso Brasileiro de Mobilidade Urbana. 12 p.

Yigitcanlar, T. (2015). Knowledge-Based Urban Development. In *Encyclopedia of Information Science and Technology*, editado por D.B.A. Mehdi Khosrow-Pour, 3 ed., 7475–7485. Hersey, PA: IGI Global.